

AMBIENTE Percentual de reservatórios em que a qualidade foi avaliada como ruim e péssima para abastecimento em SP

Água é imprópria em 27% dos rios e represas

ANA PAULA MARGARIDO
DAS REGIONAIS

A qualidade da água para abastecimento público é imprópria em 27% dos rios e reservatórios existentes no Estado de São Paulo. O índice corresponde aos classificados como ruins ou péssimos.

A avaliação está no Relatório de Qualidade das Águas Interiores do Estado 2002, concluído em julho pela Cetesb (agência ambiental paulista). Pela primeira vez, o estudo inclui índices de qualidade da água para abastecimento e para preservação da vida aquática, que tem 46% de rios classificados como ruins ou péssimos.

Tais índices, avaliados separadamente, fornecem, segundo a Cetesb, um quadro mais amplo da situação das 22 Unidades de Gerenciamento de Recursos Hídricos (Ugrhis) do Estado.

O problema, tanto para o abastecimento como para o meio aquático, é recorrente: lançamento de esgoto nos rios e seus afluentes. Conforme pesquisa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 60% dos 5 milhões de toneladas diárias de esgoto coletados em todo o Estado de São Paulo são despejados nos rios sem tratamento. Somados a isso estão o mau uso da água e a ocupação desordenada do solo.

Isso porque quanto menor o volume de água nos rios menores são as chances de dispersão da carga poluidora e maiores as possibilidades de desenvolvimento de algas e bactérias em seus leitos.

As regiões metropolitanas de São Paulo, Campinas e Sorocaba são as mais comprometidas, devido ao aglomerado urbano e à intensa industrialização.

Em todo o Estado, as únicas regiões que só apresentaram qualidade entre boa e ótima estão situadas nas Ugrhis do Pontal do Paranapanema e Baixo Tietê.

Esgoto

De acordo com o gerente do Departamento de Tecnologia de Águas Superficiais e Efluentes Líquidos da Cetesb, Eduardo Mazolenis de Oliveira, 43, o relatório de 2002 só confirma uma tendência, apontada em 2001, de piora da qualidade das águas. "A carga orgânica, resultante do lançamento de esgoto, é alta, o que coloca mais da metade dos rios em situação de comprometimento da captação para o abastecimento", diz.

Na região de Campinas, por exemplo, cortada pelas bacias dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiaí, embora o índice de coleta e tratamento de esgoto tenha au-

da USP (Universidade de São Paulo), Mônica Porto, 46.

Segundo Porto, embora tenha havido progresso no tratamento de esgoto, ainda não foi investido o suficiente. "Além disso, muitos projetos iniciados ainda estão em andamento", afirmou.

→ LEIA MAIS na pág. C3

tesb, sem sinais de recuperação.

Para os especialistas em qualidade da água, o problema da poluição dos rios no Estado tem outro nome: falta de investimento. "Há muito tempo não se vê um investimento pesado nessa área", disse a professora do Departamento de Engenharia Hidráulica e Sanitária da Escola Politécnica

que se alimenta de algas e que sobrevive até em águas poluídas.

O relatório mostra, ainda, que as altas concentrações de carga orgânica comprometem os principais rios da região metropolitana de São Paulo: Tietê, Pinheiros, Tapanui e Juqueri. Todos têm situação preocupante do ponto de vista sanitário e, conforme a Ce-

sa (Sociedade de Abastecimento de Água S.A.) —responsável pela rede de esgoto do município—, Vicente Andreu Guillo, 45.

No rio Corumbataí, também na bacia do Piracicaba, a pesquisadora da Unesp (Universidade Estadual Paulista) Sâmia Maria Tauk-Tornisielo, 57, alerta para a redução do Cascudo, um peixe

mentado ao longo dos últimos dez anos, a média tratada ainda é baixa —em torno de 23%.

Grande parte do problema do Piracicaba pode ser resolvido com o tratamento de esgoto da cidade de Campinas. "Vamos investir, até 2004, R\$ 180 milhões em obras para tratamento de esgoto", disse o presidente da Sana-

Documentação

Fonte: FSP (cotidiano)
Data: 4/8/2003 Pg: C1, C3
Class: 78

Estudo avaliou 234 pontos

DAS REGIONAIS

O resultado do estudo da Cetesb foi obtido por meio de amostras colhidas em 2002, em 150 pontos de rede de monitoramento, distribuídos nas 22 Ugrhis do Estado de São Paulo e em um ponto no Estado de Minas Gerais.

Outros 83 pontos, monitorados pelas regionais da Cetesb no Estado, também foram considerados, totalizando 234 locais. Nos 151 pontos da rede, as amostras foram colhidas bimestralmente.

Nas unidades mais críticas, foi colocado um maior número de pontos de monitoramento. Nessas áreas, a Cetesb também conta com três estações fixas de monitoramento automático. Nas localidades menos críticas, o monitoramento é feito manualmente.

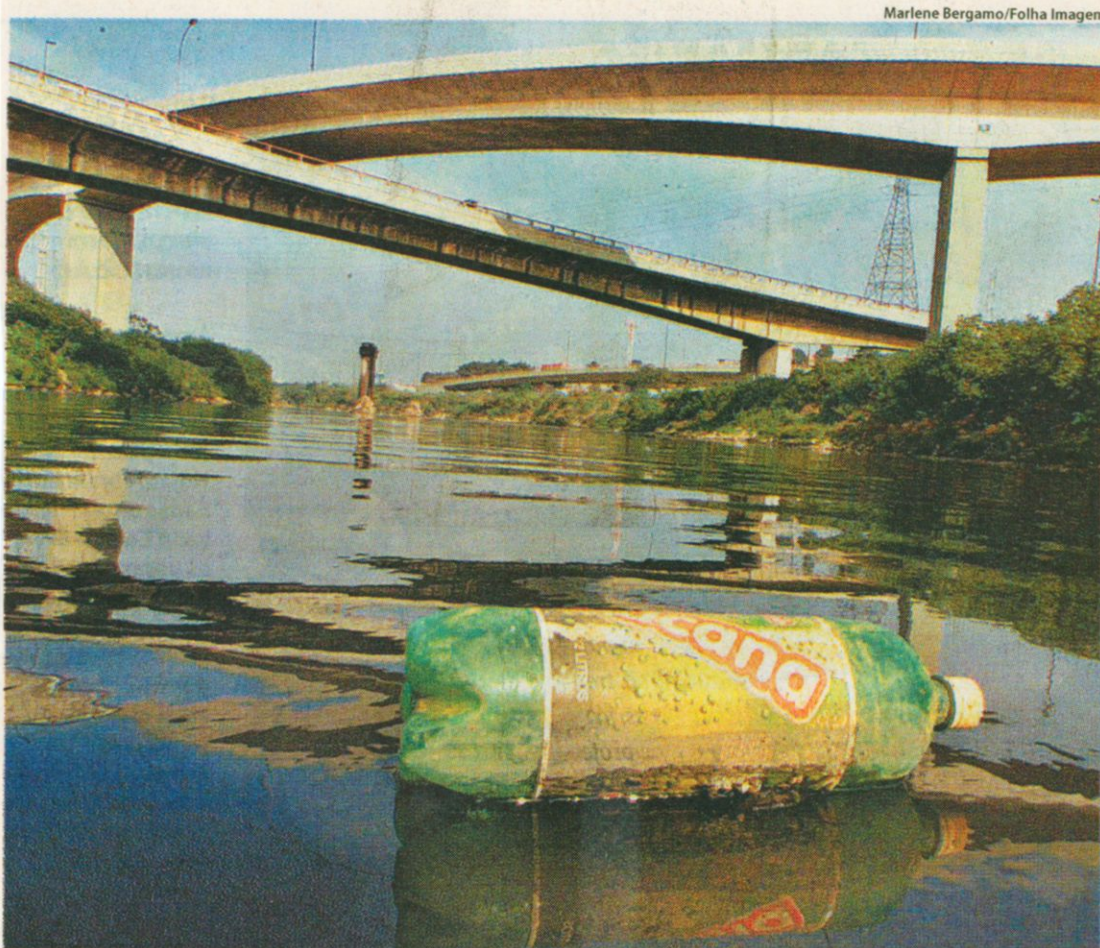
Para avaliar a qualidade das águas interiores do Estado, a Cetesb incluiu novos itens, como o IVA (Índice de Preservação da Vida Aquática), o IAP (Índice de Qualidade das Águas Brutas para o Abastecimento Público).

Também compuseram a avaliação, índice de eutrofização (crescimento excessivo das algas) e de balneabilidade dos reservatórios.

Ao todo, o estudo levou em conta 50 parâmetros. (APM)

AMBIENTE Meta, segundo a Sabesp, é tratar até 75% dos efluentes domésticos coletados; oeste de SP é 'oásis' em saneamento

Tratamento de esgoto terá US\$ 800 milhões



Marlene Bergamo/Folha Imagem

DAS REGIONAIS

O diretor de produção e tecnologia da Sabesp, Antônio Marsiglia, 67, admitiu que o percentual de esgoto tratado pela empresa (62% do coletado) não é o ideal, mas sustentou que ele chega próximo ao de países desenvolvidos, como a França.

Marsiglia disse que a Sabesp —empresa responsável pelo abastecimento de água e tratamento de esgoto de 366 municípios do Estado— vai investir US\$ 800 milhões nos próximos cinco anos em tratamento de esgoto e despoluição de rios.

Segundo o diretor, metade dos investimentos será aplicada na região metropolitana de São Paulo; US\$ 300 milhões, no litoral; e US\$ 100 milhões, no interior.

A meta, conforme Marsiglia, é atingir entre 70% e 75% de tratamento do volume coletado.

Segundo ele, o grande problema hoje são os recursos. "As pessoas querem as coisas de forma imediata. O problema é que os recursos não são infinitos", diz.

Marsiglia não informou em quantos municípios já foram ini-

ciadas obras para tratamento de esgoto. Ele citou dois projetos que já estão em andamento, entre eles o de despoluição do rio Tietê.

"Iniciamos a despoluição com mais força em 1995 e já conseguimos melhorar a qualidade de 120 quilômetros do Tietê", disse.

Na primeira etapa do projeto, foram investidos US\$ 900 milhões. Na segunda fase, a Sabesp deve gastar US\$ 400 milhões. "Não estão computados nesse montante os financiamentos com outras instituições, como com a Caixa Econômica [Federal]."

De acordo com Marsiglia, a região metropolitana de São Paulo deve receber uma atenção especial, pois é onde se concentra 50% da população do Estado.

"A Sabesp tem avançado na questão de despoluição dos rios. Sabemos que a água poluída só traz prejuízos. Temos de caminhar para melhor, mas dentro de prazos compatíveis", disse.

"O Tâmbora demorou quase 70 anos para ser recuperado", disse.

Oásis

A porção oeste do Estado de São Paulo pode ser considerada um

oásis, segundo a pesquisa realizada pela Cetesb. É a região que concentra o maior número de rios com avaliação entre boa e ótima.

Essa região é pouco industrializada e de baixa densidade populacional, o que contribui para o quadro positivo. De acordo com a Cetesb, as boas condições estão relacionadas também às altas vazões dos rios, que permitem maior diluição dos poluentes.

A preservação das águas no Baixo Tietê permite, por exemplo, que o comitê de bacia desenvolva atividades voltadas para o turismo. Na região, composta por 42 municípios ao todo —entre eles Andradina e Pereira Barreto—, o rio Tietê, quase morto na Grande São Paulo, "ressuscita".

As águas dos rios do Pontal do Paranapanema, sobretudo o rio Paraná, são boas ou ótimas em 75% de seu leito tanto para captação para abastecimento público como para vida aquática.

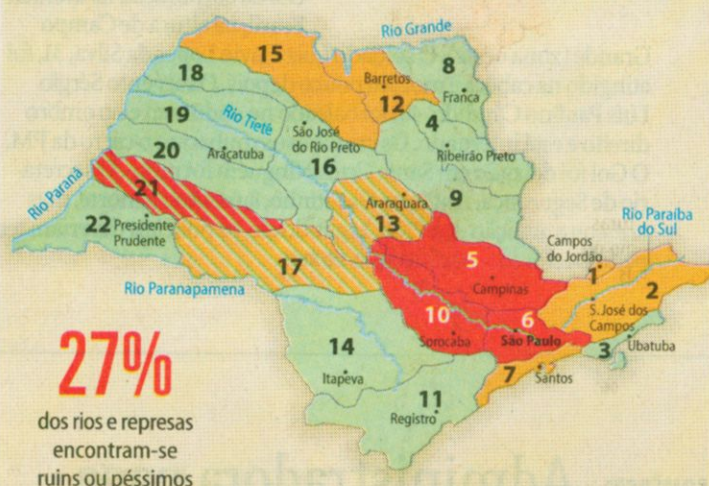
A ausência de poluição tem uma explicação: as cidades dessa região fazem divisa com a unidade 21 (Peixe), que acaba recebendo o seu esgoto.

(ANA PAULA MARGARIDO)

Vista do rio Tietê, no trecho da cidade de São Paulo, apontado no relatório como preocupante

Editoria de Arte/Folha Imagem

A QUALIDADE DAS ÁGUAS PARA O ABASTECIMENTO



27%

dos rios e represas encontram-se ruins ou péssimos

Ugrhis (Unidades de Gerenciamento de Recursos Hídricos)	% de ótima e boa	% de regular	% de ruim e péssima
1 Mantiqueira	—	100	—
2 Paraíba do Sul	46	54	—
3 Litoral Norte	100	—	—
4 Pardo	75	25	—
5 Piracicaba/Capivari/Jundiaí	14	41	45
6 Alto Tietê	35	14	51
7 Baixada Santista	33	50	17
8 Sapucaí/Grande	75	25	—
9 Mogi-Guaçu	75	25	—
10 Sorocaba/Médio Tietê	42	14	44
11 Ribeira do Iguape/Litoral Sul	83	17	—
12 Baixo Pardo/Grande	—	100	—
13 Tietê/Jacaré	50	50	—
14 Alto Paranapanema	100	—	—
15 Turvo/Grande	29	43	28
16 Tietê/Batalha	100	—	—
17 Médio Paranapanema	50	50	—
18 São José dos Dourados	100	—	—
19 Baixo Tietê	100	—	—
20 Aguapeí	100	—	—
21 Peixe	50	—	50
22 Pontal do Paranapanema	75	25	—



Piores rios

■ Tamanduateí, Pinheiros: na região metropolitana de São Paulo

■ Tietê: também na RMSP e no trecho entre as cidades de Pirapora e Laranjal Paulista

■ Atibaia: no trecho próximo a Paulínia, que recebe 35% do esgoto doméstico de Campinas

Fontes: Cetesb

Campinas está entre as piores

DAS REGIONAIS

A qualidade dos rios da região de Campinas é uma das três piores do Estado e já impõe restrições à instalação de indústrias em trechos das bacias do Piracicaba, Capivari e Jundiaí. O lançamento de esgoto, principalmente doméstico, é o principal problema, além da intensa atividade industrial e do crescimento da população.

Conforme o relatório da Cetesb, "os rios Capivari, Jaguari e Camanducaia apresentaram qualidade regular, enquanto as maiores extensões dos rios Piracicaba, Jundiaí e Corumbataí mostraram qualidade ruim". Os pontos críticos estão no rio Atibaia, entre Campinas e Paulínia, onde ele recebe os resíduos lançados por Campinas, e no começo do rio Piracicaba, que também recebe grande volume de esgoto.

Nesse trecho, a média de fósforo total em 2002 praticamente dobrou em relação à média dos últimos dez anos (1991-2001). A existência de fósforo indica, por exemplo, a quantidade de detergentes despejados na água.

Um outro exemplo pode ser o rio Capivari, onde a média de coliformes, presentes nos dejetos humanos e que indicam o despejo de esgoto, subiu cinco vezes em relação à média dos últimos dez anos.

De acordo com o gerente da Cetesb Eduardo Mazzolenis de Oliveira, nesses trechos já é preciso repensar a atividade industrial e implementá-la com parcimônia.

Para recuperar as águas do segundo maior pólo tecnológico do país, o comitê de bacias da região calcula ser preciso investir R\$ 1,5 bilhão no tratamento de esgoto nos próximos 20 anos. (APM)